

Tradução do russo e edição por CN, 28.09.2011

(original: http://publ.lib.ru/ARCHIVES/K/KAGANOVICH_Lazar'_Moiseevich/_Kaganovich_L._M..html)

Das memórias de Kaganóvitch (VII)¹

Anexos

Notas para uma intervenção na reunião do Comité de Controlo do partido adstrito ao CC do PCUS (1962)	1
Rascunho de um comentário às conversas de N.S. Khruchov com diplomatas estrangeiros (final dos anos 50 início dos anos 60)	5
Notas soltas sobre a personalidade de Khruchov (finais dos anos 80)	15
Sobre a resolução do CC do PCUS «Sobre o Culto da personalidade e as suas consequências» (finais dos anos 80)	19

Notas para uma intervenção na reunião do Comité de Controlo do Partido adstrito ao CC do PCUS (1962)

1. Conheceis toda a história deste processo, por isso serei breve. Após a decisão da minha exclusão do CC, juntamente com os camaradas Mólotov, Malenkov e Chepílov, por «luta fraccionária», permanecendo membro do partido, tal como os camaradas indicados, trabalhei honestamente, como compete a um comunista, em prol do comunismo, cumprindo rigorosamente todas as decisões do partido e do CC.

2. Após cinco anos de honesta actividade comunista, na qualidade de membro de base do partido, em que desempenhei sem reparos as funções que me foram atribuídas na economia e cumpri empenhadamente as obrigações no partido e trabalho social, tal como Mólotov, Malenkov e Chepílov, fui expulso do partido em 1962.

3. Porquanto não podiam fazer-nos quaisquer outras acusações relativas à nossa actividade e conduta partidária, para além das que foram inscritas na resolução do

¹ Lazar Kaganóvitch, *Pámiatnie Zapiski* (notas memoriais), ed. Vagrius, Moscovo, 2003, pp. 619-623. (N. Ed.)

Plenário de 1957, acusaram-nos de actos relacionados com a violação da legalidade durante a direcção de Stáline.

4. Todavia, camaradas, o XX Congresso, tendo aprovado uma resolução sobre as violações da legalidade, elegeu-me a mim, tal como a Mólotov, Malenkov e Chepilov, para o CC, depois, o Plenário do CC elegeu-nos para o *Presidium* do CC, isto apesar de já então se saber que Stáline não fora o único culpado pelas violações, e que o tinham também sido outros seus correligionários de trabalho: membros do *Presidium* e do CC, nomeadamente Mólotov, Kaganóvitch, Malenkov, bem como Khruchov, Mikoian, Chvernik e outros.

Depois do XX Congresso, o Plenário de Junho de 1957, tendo aprovado a resolução sobre «O Grupo Antipartido», excluiu-nos do CC, mas manteve-nos no partido, não obstante já na altura se ter falado sobre a defesa que fazíamos de Stáline.

5. Por isso, a repetição das antigas acusações e as acusações agora evocadas de acções ilegais, relacionadas com o chamado culto da personalidade, que conduziram à minha expulsão e de outros camaradas do partido, são artificiais e até contraditórias com o XX Congresso, que nos elegeu para o CC. Contradizem igualmente a resolução do CC de 1957, que nos manteve no partido. Não houve nenhuma ocorrência nova que possa dar legítimo fundamento partidário à minha expulsão, à de Mólotov e de Malenkov do partido. Tudo o que é agora levantado em concreto, por exemplo, contra mim, Kaganóvitch, já era conhecido quando decidiram não me expulsar do partido, mas manter-me nas suas fileiras. Ao trabalhar, por exemplo, no transporte ferroviário, nas condições difíceis de numerosos descarrilamentos e acidentes, parte significativa dos quais era provocada por diversionistas, espiões, nomeadamente trotskistas, como ficou provado nos processos judiciais, fui obrigado, tal como outros noutros ramos e sectores, a combater resolutamente os inimigos, denunciando e chamando à responsabilidade os culpados, bem como a punir os seus cúmplices. Nesta luta contra verdadeiros criminosos e seus cúmplices, com grande infelicidade, uma parte de pessoas inocentes também foi vitimada.

Creiam-me, sinto um grande pesar por isso e não me eximo à minha parte de responsabilidade pelo que aconteceu, mas é preciso ter presente e compreender a situação política dessa época, quando o fascismo preparava a guerra contra a nossa Pátria e a sua «quinta coluna» lutava ferozmente contra nós, em particular num sector tão decisivo como os caminhos-de-ferro. Por isso tínhamos de lutar decidida e implacavelmente. Os órgãos competentes apresentaram-nos provas convincentes e fundamentadas dos culpados, e nós concordámos com a sua detenção. Houve pessoas inocentes que foram denunciadas, mas também parte desses materiais eram convincentes da sua culpa, tanto mais que os próprios contribuíram para isso, em particular, ao fazerem posteriormente confissões.

6. A situação política escaldante da época, sobretudo a intensificação da espionagem e da diversão dos estados imperialistas, em primeiro lugar, evidentemente, da Alemanha hitleriana e do imperialismo japonês (que nos enviaram, por exemplo, juntamente com trabalhadores honestos libertados dos Caminhos-de-Ferro da China Oriental, uma grande quantidade de espiões japoneses e outros), exigia uma vigilância reforçada, acuidade e reacção rápida contra a sabotagem, que minava o avanço e o funcionamento normal dos caminhos-

de-ferro e, por essa via, a execução do plano quinquenal e a preparação do país para a resistência às forças agressoras que ultimavam a guerra contra a URSS.

Devo dizer-vos, todavia, que, não obstante tudo isto, a direcção do Commissariado das Vias de Comunicação (CVC) e eu próprio, enquanto Comissário do Povo, revelámos a necessária vigilância ao não concordar com muitas acusações feitas a quadros do transporte, baseadas em denúncias dos inimigos detidos. Contestei os materiais e as exigências dos órgãos de segurança visando a detenção de muitos quadros do transporte, e, em muitos casos, o CC e Stáline pessoalmente concordaram comigo. Poderia nomear um grande número de quadros, que exerciam na altura e continuaram a exercer funções de direcção no CVC e nas linhas, os quais permaneceram incólumes devido à nossa insistência, a despeito dos materiais apresentados contra eles pelos órgãos competentes.

Falo disto não para mostrar «mérito», mas para salientar que a par de punições justas de culpados, a par de inocentes vitimados, houve muitas condenações evitadas ou, como mais tarde os próprios diziam em conversas comigo, «salvações» da morte.

Tudo isto mostra que a situação era difícil e complexa, em todo o caso não tão simples e linear como muitos hoje imaginam, depois de o fascismo hitleriano e a sua «quinta coluna» terem sido destroçados e eliminados na URSS. Por isso, exprimindo os meus sentimentos de amargura, sofrimento e compaixão para com as famílias das vítimas inocentes, afirmo: não devemos sucumbir a sentimentos pessoais, mas sim abordar o assunto como gente politicamente madura. Tendo apurado graves erros e violações da legalidade, tendo-os criticado e revelado e tomado medidas para que não se repitam no futuro, não podemos deixar que isso nos desmagnetize, a nós e aos outros, mas devemos ter sempre presente que também hoje temos contra nós os imperialistas, que não se reconciliaram com as vitórias do socialismo e amolam a faca – ainda mais afiada – nuclear contra a União Soviética e outros países socialistas. O imperialismo reaccionário dos EUA e dos seus aliados aspira a ocupar o lugar do fascismo hitleriano como força liderante do imperialismo agressor. Eles não deixarão de nos combater, nomeadamente através da espionagem, diversão e sabotagem. Por isso, ao revelarmos e reconhecermos os erros e insuficiências, lamentando-os, admitindo a nossa parte de responsabilidade pela sua ocorrência, em caso algum podemos permitir um optimismo infundado, uma atitude não classista e apolítica, abdicar da vigilância, mas devemos preparar-nos para uma luta implacável contra os inimigos do socialismo, contra os inimigos da nossa Pátria, venham de onde vierem. Devemos ter sempre presente que nos espera ainda uma longa e áspera luta contra os inimigos até à vitória definitiva do socialismo e do comunismo!

7. Camaradas, peço que não interpretem estas minhas últimas reflexões gerais como o desejo de as sobrepor a erros concretos e pessoais. Acrescento aqui que erros semelhantes foram também cometidos, por exemplo, por Khruchov. Com efeito, a maioria dos quadros dirigentes, membros do *Bureau* do Comité de Moscovo do partido (CM), dos bairros e do Soviete de Moscovo, os quais, durante a direcção de Kaganóvitch, quando este foi secretário do CM, trabalhavam salutarmente, foram presos durante a direcção do CM de N. Khruchov. Ou ainda, por exemplo, os camaradas Mikoian e Chverník. O facto é que também eles enviaram para o Ministério da Segurança do Estado (*MGB*) as suas cartas concordando com a detenção não apenas de quadros de direcção, mas também de

membros do Colégio e dos seus próprios adjuntos, e por vezes não apenas concordando, mas também pedindo a detenção, tendo em conta os materiais incriminatórios do *MGB*.

Não pensem que ao falar disto, exijo a expulsão do partido de Khruchov, Mikoian, Chvernik, etc. Ou que pretendo que me equiparem a eles como membro do CC e do seu *Presidium*. Pretendo apenas a minha reintegração no partido, ao qual dediquei mais de 50 anos da minha vida, por cuja vitória lutei incansável, conseqüente e abnegadamente. Não vou aqui relatar a minha biografia, todos vós sabeis que fui, nomeadamente, presidente da Comissão de Controlo do Partido. Direi apenas que, através de um trabalho obstinado, uma dedicação total e uma fidelidade abnegada à doutrina de Marx e de Lénine e ao nosso querido partido, de operário me tornei num dirigente do partido. Lutei e luto contra todos os seus inimigos, pela orientação geral leninista, pela vitória do socialismo e do comunismo, pela vitória da paz entre os povos, do socialismo e da revolução em todos os países do mundo!

Tenho ainda vitalidade e capacidade de trabalho, quero agir e lutar pela causa do comunismo, como membro do meu querido e amado partido leninista, e peço-vos, camaradas, membros do Comité de Controlo do Partido, que me reintegrem nas fileiras do Partido Comunista da União Soviética!

Rascunho de um comentário às conversas de N.S. Khruchov com diplomatas estrangeiros (final dos anos 50 início dos anos 60)²

Nas conversas com representantes de potências estrangeiras, em particular dos Estados Unidos da América, em que se referiu aos acontecimentos da vida interna do partido de Junho de 1957, Khruchov afirmou:

- *O grupo antipartido interveio contra mim e outros camaradas;*
- *Interveio contra a linha do CC do nosso partido;*
- *Este grupo era constituído por pessoas presunçosas;*
- *Estavam convencidos de que os seus nomes não podiam ser repudiados;*
- *Vorochílov, Mólotov, Kaganóvitch e Malenkov consideravam-se omnipotentes;*
- *É verdade que Malenkov não é o mesmo tipo de figura que os três primeiros, os quais também tiveram no passado muito de bom;*
- *Mas não acompanharam os tempos, compreenderam mal a situação, avaliaram mal o panorama.*

Se examinarmos estas afirmações de Khruchov tornar-se-á evidente o quanto elas são erróneas e falsas. Em primeiro lugar, a intervenção foi dirigida contra Khruchov, mas não contra outros camaradas, e não foi de um grupo mas do *Presidium* do CC – da sua maioria. Em segundo lugar, é falsa a afirmação de Khruchov de que esta intervenção foi contra a linha do CC do nosso partido. Pelo contrário, foi precisamente pela concretização da linha do partido leninista e do seu CC que o *Presidium* do CC, maioritariamente, interveio contra a sua adulteração por parte de Khruchov.

Para encobrir as suas tergiversações, Khruchov identifica a sua pessoa com o Comité Central, com o partido, enquanto o *Presidium* do CC, que interveio contra Khruchov, é identificado com um grupo, o que constitui uma manifesta conversão do *Presidium* num grupo.

Khruchov precisou desta falsificação para justificar as medidas contra a maioria dos membros do *Presidium* do CC, que apelidou de grupo e até antipartido. É sabido que na Resolução do X Congresso sobre «A Unidade do Partido», Lénine indicou que os principais indícios de fraccionismo antipartido são a existência de uma plataforma especial, com os seus pontos de vista dirigidos contra o partido, e um grupo fraccionário organizado separadamente dos órgãos do partido, com uma disciplina própria, as suas reuniões organizadas, propaganda contra o CC, etc.

Nem é preciso dizer que Mólotov, Vorochílov, Kaganóvitch, Malenkov, Sabúrov, Bulgánine, Pervúkhine e Chépilov, que constituíam a maioria do *Presidium* do CC, nada tinham que se pudesse parecer com isto. Não só não havia qualquer plataforma, como nem mesmo quaisquer pontos de vista opostos aos pontos de vista do partido e do seu CC. Nas reuniões havia discussões normais, previstas nos Estatutos.

Lénine sempre exigiu documentos, factos que confirmassem quaisquer afirmações verbais. No entanto, não houve e não há sequer qualquer referência a

² Idem, ibidem, pp. 629-642. (N. Ed.)

documentos e factos que confirmem a declaração de Khruchov sobre a linha antipartido dos camaradas citados. Pelo contrário, todos os discursos, relatórios, notas, todo o trabalho prático em todas as questões e assuntos de que foram incumbidos pelo partido estavam imbuídos de conteúdo leninista e orientados para o cumprimento das decisões do partido e do seu Comité Central, em conjunto com a classe operária, o campesinato, a *intelligentsia* aos quais estavam ligados. Com efeito, não foi por acaso que Khruchov não apresentou em parte alguma nem uma só citação, um só documento, que confirmasse as suas afirmações sobre a linha antipartido do grupo de Mólotov, Kaganóvitch, Malenkov, artificialmente fabricada por ele, e, aparentemente por razões táticas, só raramente referiu Vorochílov, o qual também estava contra Khruchov. Todo o partido e o povo soviético leram os relatórios e discursos destes camaradas e conhecem da sua acção prática, o enorme trabalho que desenvolveram sob a direcção do CC para o cumprimento das decisões do congresso, nomeadamente do XX Congresso, e do Comité Central: para o melhoramento do trabalho do partido e do Estado, para a elevação do nível de vida material e cultural dos operários, kolkhozianos e de todos os trabalhadores, para a eliminação das violações à legalidade revolucionária, pela aplicação das normas leninistas na vida do partido e dos soviets, pelo desanuviamento da situação internacional, luta pela paz e reforço da capacidade de defesa da nossa Pátria.

Tudo isto era a linha e acção únicas do partido, do seu CC e *Presidium*, que durante longos anos foram integrados pelos referidos camaradas. Por isso, as invencionices de Khruchov dividindo aqueles que se lhe opunham no *Presidium* do CC parecem extraordinárias. Sem nenhuma dúvida que estes camaradas também cometeram erros, mas não sem razão Khruchov, nas conversas com representantes estrangeiros, foi obrigado a reconhecer que no passado destes camaradas havia muito de bom.

A afirmação de Khruchov de que se tratava de um «grupo» de pessoas presunçosas constitui um artifício primário, o desejo de lançar as culpas para os outros e atribuir-lhes aquilo de que ele próprio era acusado (é que foi precisamente Khruchov quem foi acusado de presunção no *Presidium* do CC). O mesmo se aplica às suas palavras de que Mólotov, Kaganóvitch, Vorochílov e Malenkov se consideravam onnipotentes e estavam convencidos de que os seus nomes não podiam ser repudiados. A verdade é que foi precisamente Khruchov que se imaginou onnipotente e começou a maltratar os membros do *Presidium* do CC, designadamente Vorochílov, Mólotov, Kaganóvitch, Malenkov, Bulgánine e outros, levando a sua ofensiva até ao desfecho «vitorioso». Foi precisamente para justificar a sua agressividade que evocou a onnipotência do grupo antipartido.

Ao afirmar gratuitamente a existência de um grupo, Khruchov omite desavergonhadamente que, depois da crítica que lhe foi feita pelos camaradas Malenkov, Kaganóvitch e Mólotov, ele, Khruchov, na reunião, agradeceu pela crítica aos membros do *Presidium*, incluindo aos atrás referidos, e prometeu, em conformidade, corrigir os seus erros e insuficiências.

É de uma evidência absoluta que a lenda sobre o «grupo antipartido» foi inventada por Khruchov para justificar os seus métodos de direcção não leninistas, formar o seu grupo fraccionário e realizar mudanças no sentido do oportunismo.

Khruchov tenta atribuir um carácter político geral de princípio à acusação que fez aos camaradas de terem constituído um «grupo antipartido», fabricando-lhes uma «plataforma». Mas ao dizer que no passado de Vorochílov, Mólotov e

Kaganóvitch houve muito de bom, desfaz a sua invectiva, a qual é contraditada pelos factos históricos que testemunham o contrário. Khruchov profere a sua «sentença» ignorando os factos.

Sabemos pela história que os referidos camaradas se distinguiram, antes de mais, por serem fiéis ao marxismo-leninismo, por nunca terem encarado a dialéctica revolucionária como um cata-vento, não se punham, como o povo diz, de nariz no ar, não balouçavam entre o leninismo e o trotskismo, como fez, por exemplo, Khruchov na primeira metade dos anos 20.

Não digo que Khruchov se tenha oposto sempre e em todos os aspectos à linha leninista, mas sendo um excêntrico (apesar de não inteiramente e de provavelmente não conhecer o significado preciso desta palavra) e um comunista imaturo, ansiava que todos reconhecessem nele um «inovador», embora isso frequentemente fosse como deitar uma colher de fel num barrica de mel. Avaliando por alto a barrica do mel, vertia a sua colher de fel khruchoviano, com frequência mais que uma colher, o que estragava toda a barrica de mel. Sempre procurou pôr qualquer coisa a «grugulejar» para se distinguir dos outros.

Mal sabia Stáline, ao chamar para perto de si «*Mikita*»,³ com o seu «grugulejar», que, o que este «grugulejaria» depois da sua morte, ultrapassaria em muito o próprio Opanass com os seus machados e o buraco no gelo.

Conta-se na Ucrânia a história do «vigoroso e inteligente» Opanass, que só se dedicava a coisas que ele próprio inventava. Uma noite acorda a mulher e diz-lhe: «*Tanko, acorda, tive uma ideia: Se juntar todos os machados da aldeia e abrir um buraco no rio, e depois lançar todos os machados para esse buraco, o grugulejar será tal que se ouvirá na aldeia*». Aliás, o próprio Khruchov contou esta história a Stáline, e este quando o via chegar dizia-lhe: «*Então diz lá, Mikita, o que é que está hoje por aí a grugulejar?*» Khruchov presenteou demasiado frequentemente o CC com os seus «grugulejos do novo», e chegou a ser bem sucedido, mas na maior parte das vezes não teve êxito e foi fastidioso. Poder-se-ia referir muitas situações em que os membros do *Presidium*, nomeadamente Mólotov, Kaganóvitch, Vorochílov, Malenkov, Bulgánine e outros, contestaram propostas de «inovações» duvidosas. Todavia, infelizmente, uma parte delas passava. Por exemplo, a inovação khruchoviana abolindo a conhecida teoria de Víliams sobre a rotação das culturas custou caro à nossa agricultura.

Mesmo ideias boas pelas quais Khruchov justamente se bateu, com frequência devido aos seus excessos, conduziram a resultados negativos (por exemplo, o milho). É claro que ele não foi nenhum inovador nesta matéria. O mérito de Khruchov resume-se a ter sublinhado a importância deste objectivo. Mas levou-o ao absurdo com as suas exigências de semear milho por toda a parte, o que fez fracassar a expansão desta cultura às regiões onde era rentável e possível. Infelizmente também hoje o milho, se não é tratado com desprezo, não lhe é dado o devido valor, e é pena.

De seguida, nas referidas conversas com os diplomatas estrangeiros, Khruchov divaga sobre Stáline e sobre as acusações contra o grupo «antipartido», imaginado por ele.

³ Deformação do nome Nikita. Consta que Khruchov era assim tratado por Stáline. (N. Ed)

«*Nós afirmámos: as coisas não podem nem devem continuar a ser como eram com Stáline*» – disse Khruchov. – «*Eles [ou seja o grupo] responderam: Era assim e assim vai continuar a ser. Nós dissemos: Era assim, mas deixará de ser. Então eles declararam: Nós vamos afastá-lo. E o nosso partido, o nosso povo pegaram neles e afastaram-nos*».

Assim, pretendendo ser espirituoso e acutilante, na prática Khruchov descreve as coisas de forma ignara, simplista e difamatória, fá-lo no estilo e espírito da vulgar sátira burguesa. O principal, evidentemente, é que tudo isto é mentira.

O que o *Presidium* do CC disse, em primeiro lugar Mólotov, Vorochílov, Kaganóvitch e Bulgánine, foi: é preciso eliminar tudo o que há de negativo nos métodos e sistema de administração, prioritariamente, eliminar as arbitrariedades, as repressões que punem gente inocente. Mas isto não significa revogar tudo o que houve de positivo durante o período de Stáline. Com efeito, durante a direcção de Stáline houve grandiosos feitos de inspiração revolucionária: a luta contra os inimigos internos e externos da revolução e do Poder Soviético, a sua derrota; os grandiosos quinquénios, a que o povo chamou «os quinquénios de Stáline», da industrialização e colectivização socialista, de um desenvolvimento gigantesco da cultura, da ciência e de elevação do bem-estar material do povo. Cumprindo-se o legado de Lénine, o grande líder, com o trabalho heróico de milhões de pessoas sob a direcção do partido, apoiando-se em todas estas conquistas e realizações do regime socialista, foi sob a direcção directa de Stáline que se garantiu e alcançou a maior vitória da história sobre o imperialismo hitleriano na Guerra Patriótica. Depois da guerra, o povo soviético, sob a direcção de Stáline, realizou a segunda proeza: o restabelecimento de uma economia incrivelmente destruída, de cidades e aldeias; os quinquénios do pós-guerra lançaram os alicerces de um novo desenvolvimento gigantesco da nossa Pátria com base na nova técnica.

A verdade é que até a bomba atómica, que era e é uma resposta à ameaça atómico-nuclear do imperialismo americano, foi criada pelos nossos operários, cientistas e engenheiros durante a direcção de Stáline. A par do grandioso e positivo, houve erros, deficiências, arbitrariedades e ilegalidades que foram condenados pelo partido. Mas nem tudo o que houve durante Stáline – incluindo o grandioso e positivo – deve ser repudiado. Tal formulação da questão aproveita aos inimigos do socialismo, facilita a nova ofensiva da burguesia contra o nosso partido, a União Soviética e o socialismo.

Rejeitando tudo o que houve durante Stáline, Khruchov ajuda involuntariamente a ofensiva dos inimigos contra tudo aquilo que é caro ao povo, que foi alcançado com os esforços do povo durante a direcção de Stáline.

Sim, o povo, os operários, o partido e os quadros dirigentes vêem e criticam corajosamente os erros, as insuficiências, as ilegalidades. Mas não admitem que se substitua e destrua tudo o que de grandioso foi criado com Lénine e, depois dele, com Stáline. Não se pode esquecer que o povo, o partido e os veteranos da guerra e do trabalho não são alguém que esqueça pelo que passou, lembram-se bem do grito épico e abnegado dos nossos heróis marchando para a morte no ataque contra os hitlerianos: «*Pela Pátria! Por Stáline!*» Do mesmo modo, os kolkhozianos e a *intelligentsia* trabalharam abnegada e heroicamente na retaguarda sob a direcção do partido e com o nome de Stáline nos lábios.

Stáline teve erros graves e deficiências, e por isso o partido e as massas populares criticam-no a ele e a outros membros da direcção de Stáline, mas,

fazendo-o, não consentem que ninguém difame Stáline e a sua direcção e repudie tudo aquilo que é tão caro ao povo soviético: as realizações do socialismo ligadas ao nome de Stáline, que dedicou toda a sua vida à luta pelos interesses da classe operária e do campesinato, pela vitória do marxismo-leninismo.

Muitos excessos, repressões e arbitrariedades foram provocados pela luta aguda conduzida pelos inimigos internos e externos do povo soviético. Nesta luta foram cometidos erros grosseiros que vitimaram também inocentes. Mas Stáline não é o único culpado disto. Não se pode hoje armar em acusador de Stáline, com ligeireza e triunfalismo, e ainda por cima gabar-se disso e receber aplausos, como o fazem Khruchov e Mikoian que, satisfeitos consigo mesmo, agradecem esses aplausos, omitindo com isso a sua quota parte de responsabilidade no que se passou. A verdade é que o mesmo Khruchov que hoje representa o papel de benfeitor, no XVII Congresso⁴ afirmou: «*A luta de classes não termina, e nós devemos mobilizar as forças do partido, as forças da classe operária, os órgãos da ditadura do proletariado para a eliminação definitiva dos inimigos de classe, de todos os resquícios dos oportunistas de direita e de “esquerda” e de todos os outros que queriam e querem travar a nossa justa e incessante marcha para a frente.*»

Khruchov, como todos nós, apoiou as medidas repressivas contra os «*inimigos do povo trotskistas-bukharinistas*». Nas novas condições pode-se admitir intervenções com espírito novo, mas, em primeiro lugar é preciso ser comedido, não rejeitar e transformar em negativo tudo o que de grandioso e positivo foi feito por Stáline para o partido, para a nossa Pátria. Em segundo lugar, não se pode especular a propósito dos erros, e vangloriar-se de tal «*coragem*», atribuindo tudo a si próprio, e assim eximir-se do círculo de Stáline, o qual tem naturalmente a sua parte de responsabilidade.

É preciso encarar esta luta, que foi travada pelo partido e pelo povo soviético contra os inimigos internos e externos da nossa Pátria Socialista, na perspectiva marxista-leninista, histórica e científica, tirar lições, revelando os erros e as arbitrariedades que vitimaram, a par de verdadeiros inimigos, também pessoas inocentes.

Foi precisamente deste modo que procedeu o *Presidium* do CC, por iniciativa do qual foi constituída a comissão para examinar e investigar os processos de todos os reprimidos, visando declarar uma amnistia, e elaborar conclusões gerais, que seriam apresentadas ao *Presidium* e ao Plenário do CC convocado especialmente para esse efeito. O *Presidium* do CC reconheceu a necessidade de não só revelar os factos, com profundidade e numa óptica política de princípio, mas também explicar ao partido e ao povo tudo o que houve de negativo no passado e que não se pode admitir no futuro. Isto foi feito depois do XX Congresso com a aprovação da circunstanciada resolução marxista-leninista do CC, «*Sobre a Superação do Culto da Personalidade e as suas Consequências*» Esta resolução foi aprovada por unanimidade, nomeadamente por Mólotov, Kaganóvitch, Vorochílov, Khruchov, Malenkov, Bulgánine, Mikoian, Pervúkhine, Sabúrov e outros. Esta resolução colocou toda a questão no plano político-ideológico, abriu uma corrente vivificante, regeneradora, no trabalho do partido de explicação dos erros do passado, da sua

⁴ O XVII Congresso do PCU(b) realizou-se de 26 de Janeiro a 10 de Fevereiro de 1934. (N. Ed.)

não admissão no futuro, conservando e reforçando o poder do Estado Soviético e a unidade do partido.

Stáline continuou a obra de Marx e Lénine com talento e abnegação. Foi precisamente graças à fidelidade aos seus geniais ensinamentos e sua estratégia que Stáline se tornou o grande líder dos povos soviéticos. Mentem e caluniam o nosso partido e o nosso grande povo soviético os inimigos de classe e os seus lacaios que insinuem que o povo exaltava Stáline por medo. A classe operária, o campesinato kolkhoziano, a *intelligentsia* soviética, nomeadamente os cientistas soviéticos, fiéis sem reservas à sua Pátria, ao novo regime socialista, tinham consciência e estavam convictos de que o partido, o CC e Stáline, com a sua direcção e a sua linha leninista, garantiam a salvaguarda, a defesa dos imperialistas, a consolidação das conquistas do regime soviético, da Grande Revolução Socialista de Outubro, e a continuação da marcha em frente do socialismo até à vitória do comunismo.

Mesmo os que não tinham lido os volumosos tomos da História sabiam bem e sabem, lembravam-se e lembram-se das etapas principais da nossa luta difícil e sangrenta pela nova vida, sob a direcção de Lénine, e do papel de Stáline nesta luta.

Stáline foi um discípulo fiel e companheiro de luta de Lénine ao longo de toda a história do partido: nos anos da dura clandestinidade tsarista, das lutas dos operários contra os capitalistas, dos camponeses contra os latifundiários, da luta revolucionária abnegada contra as autoridades tsaristas, da luta contra os mencheviques, socialistas-revolucionários, nacionalistas, anarquistas e todo o tipo de oportunistas que minavam as forças do proletariado revolucionário.

Depois do derrubamento do governo tsarista, na luta contra o governo burguês que lançou Lénine na clandestinidade, Stáline, substituindo Lénine, leu o relatório no VI Congresso e, juntamente com Sverdlov e outros, dirigiu a preparação da Grande Revolução Socialista de Outubro, realizada por operários e soldados sob a direcção genial de Lénine.

Nos duros anos da guerra civil, Stáline foi incessantemente enviado pelo CC para as principais frentes como dirigente dos conselhos militares. O partido e o povo conhecem o seu importante papel na vitória sobre Deníkine, Iudénitch e Koltchak.

Depois do fim vitorioso da guerra civil, sob a direcção do nosso genial Lénine, Stáline ajudou Lénine como membro do Conselho do Trabalho e da Defesa, como comissário do Controlo Estatal, como comissário para os Assuntos Nacionais e como membro do *Politburo* do CC: na concepção e aplicação da Nova Política Económica, na resolução das novas e difíceis tarefas do restabelecimento da economia nacional destruída pela guerra, na direcção do partido, na luta contra o trotskismo e outros grupos e fracções oposicionistas que levantavam a cabeça, intervindo como forças organizadas com as suas plataformas contra o CC, contra Lénine, e que ameaçavam dividir e desintegrar o partido, o que foi evitado por Lénine com a ajuda de Stáline.

No momento mais penoso, o da morte de Lénine, líder e fundador do partido, Stáline foi o membro do *Politburo* em torno do qual se uniu a maioria do partido, do CC e da Comissão Central de Controlo, com vista ao prosseguimento da política de Lénine e ao cumprimento do seu legado. Poderão o povo e o partido esquecer o grande juramento que fizeram pela boca de Stáline junto à sepultura de Lénine, o defunto mestre amado e pai do partido? Este juramento constituiu durante muitos anos o dever sagrado de dezenas de milhões de pessoas no seu trabalho heróico e na luta pela construção do socialismo, pela consolidação do Estado multinacional

soviético, fundado por Lénine, a grande União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Depois da morte de Lénine surgiu um novo grande perigo ante o partido: os trotskistas e outros oposicionistas, os zinovievistas-kamenievistas que se lhes juntaram, e depois os desviacionistas de direita, os rikovistas e bukharinistas, que pressionavam o partido para renegar à construção do socialismo. Sob diferentes explicações da natureza da *NEP*, à direita e à esquerda, na prática preconizavam o alargamento do quadro da *NEP*, o desenvolvimento das relações burguesas, aplicando isto também às relações com a burguesia estrangeira. Tal significava o fim de todas as conquistas da Revolução Socialista de Outubro.

A perda de Lénine – o qual com a sua autoridade poderia com mais facilidade dominar todos estes desviacionistas, que na prática eram inimigos do socialismo – agravou o perigo tanto para o partido como para o socialismo, e para a própria existência do Poder Soviético. E eis que neste momento, para grande felicidade do partido, verificou-se que entre os membros do *Politburo* se destacava Stáline, o qual, apesar das suas insuficiências, possuía qualidades positivas que predominavam sobre as insuficiências. A sua firmeza teórica e ideológica de princípio, a sua fidelidade ao marxismo-leninismo, o conhecimento profundo e a compreensão da estratégia e da tática de Lénine, o seu talento organizativo, a capacidade para unir pessoas tanto no plano ideológico como no plano prático e operativo, que eram reconhecidos pelo partido, pelo povo e pelo CC, fizeram dele a pessoa que, juntamente com o núcleo leninista, encabeçou a obra de Lénine, a realização do seu legado com vista à construção do socialismo na URSS.

No entanto, a aplicação da política de Lénine sem Lénine enfrentou por parte dos trotskistas e outros oposicionistas uma resistência muito maior do que enquanto Lénine esteve vivo. Os opositores travavam uma luta encarniçada contra a política leninista, atacando antes de mais o CC, Stáline e o núcleo leninista – os velhos bolcheviques – que estava unido em torno dele. Sabemos pela história do partido qual a perfídia fraccionária da luta desencadeada pelos trotskistas e semelhantes. No entanto, a eles contrapôs-se a força da direcção leninista do CC, encabeçada por Stáline, digno continuador da obra de Lénine, e o partido venceu!

Os inimigos e os caluniadores apresentam a luta travada como uma simples e trivial luta pelo poder pessoal. Trata-se de uma mentira descarada. Na verdade, esta foi uma luta pelo socialismo, pelo internacionalismo, contra o aburguesamento do Estado e do próprio partido, pelo papel dirigente do proletariado e da velha guarda leninista, pelo reforço do partido, da sua composição social, para garantir o êxito da luta contra o nepmanismo, os elementos burgueses e kulaques, pela ofensiva do socialismo em toda a frente, pelo fortalecimento das posições internacionais do nosso Estado socialista da ditadura do proletariado, pelo fortalecimento das posições internacionais do nosso partido leninista no movimento comunista e operário internacional. A luta era complexa e aguda. Stáline, paciente e firmemente contra atacou a ofensiva trotskista. Mentem os caluniadores que afirmam que Stáline teria alegadamente ajustado contas com os trotskistas e outros oposicionistas unicamente através de medidas administrativas e «*em regime acelerado*». Pelo contrário, Stáline e todo o CC e a Comissão Central de Controlo travaram uma prolongada luta ideológica de princípio, esperando que, senão a maioria, pelo menos uma parte deles se demarcasse. Com efeito, é um facto que o partido e o seu CC lutaram pacientemente contra a oposição durante 15 anos, e só

depois foram aplicadas medidas de Estado, repressões, incluindo até processos judiciais e execuções. Isto aconteceu já num momento em que os oposicionistas enveredaram pelo caminho da diversão, da sabotagem e do terror, até mesmo da espionagem. Antes do seu total desmascaramento, eles intervinham nas reuniões, conferências (recorde-me da intervenção de Sokolnikov e de outros na conferência de Moscovo do partido em 1934). Com efeito, é um facto que Trótski e Zinóiev, conduzindo uma luta oposicionista, se mantiveram como membros do *Politburo* ao longo de vários anos, até organizarem abertamente a sua manifestação contra o Governo, em 1927, no dia do 10.º aniversário da Revolução de Outubro. Lembro-me de nós, então jovens tchequistas, por exemplo, Kaganóvitch, Kírov, Mikoian, termos perguntado a Stáline porque é que os tolerava no *Politburo*, e ele respondeu-nos: «*Nestes casos não pode haver precipitação. Em primeiro lugar é possível que eles ainda ganhem juízo e não nos obriguem a expulsá-los como medida extrema, em segundo lugar, é preciso que o partido compreenda a necessidade da sua expulsão*».

O partido, a classe operária, as massas populares revolucionárias, sofrendo a dolorosa perda de Lénine, superando as dificuldades da vida nas condições da luta pela reconstrução, viam que a direcção do partido, encabeçada por Stáline, prosseguia digna e conseqüentemente a obra de Lénine, dirigia o seu trabalho heróico e abnegado pelo restabelecimento da economia destruída e a realização do grandioso plano de Lénine de electrificação do país, a sua industrialização e colectivização, para a construção com êxito do socialismo no nosso País dos Sovietes, sitiado por capitalistas.

A classe operária, o campesinato revolucionário e a *intelligentsia* soviética viam que estas grandiosas tarefas da construção do socialismo eram realizadas numa batalha difícil contra as forças imperialistas inimigas externas, contra forças internas da burguesia renascidas nas condições da *NEP*, que continuavam a apostar na restauração do poder do capital na Rússia, na URSS, e davam passos desesperados fazendo ressurgir o banditismo, implantando a espionagem, organizando a diversão e o terror, e outras acções semelhantes anti-soviéticas e contra-revolucionárias.

Nesta luta contra o Estado soviético e o partido contavam também com a ajuda das forças contra-revolucionárias de uma parte da pequena burguesia, que se opunha à construção do socialismo.

Os verdadeiros marxistas-leninistas viam e compreendiam que, do ponto de vista marxista, tudo isto encontrava a sua expressão política não só no menchevismo, no socialismo-revolucionário, mas também no interior do nosso partido, no grupo do trotskismo menchevizante, ao qual se uniram os zinovievistas, os kamenievistas, bem como outros oposicionistas que se manifestavam com sonoras mas falsas bandeiras e designações: «Oposição Operária», «Centralismo Democrático», e mais tarde sem qualquer disfarce (como no caso da fracção kulaque desviacionista de direita bukharinista-rikovista). A luta contra todos estes grupos e fracções era mais difícil do que com o menchevismo declarado e o socialismo-revolucionário, porque, em primeiro lugar, estavam no interior do próprio partido, em segundo lugar porque entre eles havia também gente honesta que simplesmente se tinha desviado do leninismo. Mas esta luta era uma necessidade histórica, tanto contra os inimigos conscientes e activos do leninismo

como contra os seus cúmplices involuntários. Os operários e o povo revolucionário compreenderam isto e apoiaram o partido, o seu CC e Stáline nesta luta.

Esta foi uma luta contra a «quinta coluna» do fascismo hitleriano que ascendeu ao poder na Alemanha e se preparava para a guerra contra o País dos Soviéticos. Hoje, mais do que nunca, pode-se afirmar que esta luta política e a eliminação da «quinta coluna» na URSS tiveram um enorme papel histórico na vitória na Guerra Patriótica sobre o inimigo da humanidade – o fascismo alemão.

O partido e os povos soviéticos aperceberam-se disto com o seu instinto revolucionário de classe e a consciência de patriotas e internacionalistas revolucionários, e por isso apoiaram o Comité Central e o Governo nesta luta difícil encabeçada por Stáline.

Os inimigos de classe, em particular os agentes do imperialismo, apresentam de forma caluniosa tudo isto como se estas matilhas de bandidos, espiões, diversionistas fossem alegadamente uma invenção de Stáline para eliminar os seus inimigos pessoais. Trata-se de uma diversão ideológica do imperialismo.

Infelizmente, mesmo que involuntariamente, são ajudados efectivamente por aqueles «acusadores» do «culto da personalidade de Stáline» que, em vez de uma crítica partidária honesta dos erros ocorridos, alimentam, de forma especulativa, sensacionalista e pequeno-burguesa, uma campanha demagógica no nosso partido e nas massas. Escamoteiam as condições históricas daquela época, a agudeza da luta contra os inimigos da União Soviética. Atribuem a Stáline, às suas características pessoais negativas, todas as razões das tergiversações e erros nesta luta. Ignoram o principal, a necessidade histórica desta luta, à qual, infelizmente, se juntaram razões de carácter subjectivo. Isto diz respeito não só a Stáline, mas também a outros membros da direcção de Stáline do CC e do Governo, nomeadamente Mólotov, Vorochílov, Kaganóvitch, Malenkov, e àqueles que hoje representam o papel de heróis acusadores «inocentes»: Khruchov, Mikoian, Chvernik e outros.

É falso que, alegadamente, Mólotov, Vorochílov, Kaganóvitch e Malenkov neguem os erros de Stáline. Todavia, ao contrário de Khruchov e dos camaradas que o apoiam – Mikoian e Chvernik –, consideram que na figura de Stáline, em toda a sua acção partidária revolucionária histórica, predominou o grande, o positivo. Consideram que a experiência e as lições da efectivamente grandiosa, não inflada artificialmente, obra de Stáline na direcção do partido, do povo soviético de todas as nacionalidades, depois de Lénine e ao longo de 30 anos, constitui um grande capital, não apenas histórico, mas actual, como toda a experiência do marxismo-leninismo. Este grande capital, a experiência de Stáline, não pode ser vista de um modo leviano e pequeno-burguês.

Os velhos bolcheviques e o *Presidium* do CC afirmavam: devemos criticar, suprimir e não permitir no futuro tudo o que de negativo foi admitido na prática de Stáline e da direcção de Stáline, tanto por razões objectivas como subjectivas. Isto prejudica a nossa marcha em frente na via para o comunismo. Mas não devemos deitar fora a experiência de Stáline e de todos nós, a experiência e as lições da luta contra os inimigos internos e externos do socialismo, os quais podem ainda aparecer, repetir a experiência do fascismo hitleriano e da sua «quinta coluna», que foi destroçada, mas pode ressurgir. Stáline e a sua grande experiência pertencem ao partido, ao Estado soviético, aos povos soviéticos e à sua vanguarda – a classe

operária, que nas condições actuais do nosso Estado soviético conserva e deve conservar o seu papel dirigente, o papel hegemónico.

Ninguém conseguirá apagar a memória de Stáline no nosso país, onde foi venerado, respeitado, saudado, a quem se manifestava dedicação e amor em cartas (enviadas nomeadamente da Ucrânia, «*Ao querido pai Stáline*», em cuja redacção Khruchov participou e subscreveu).

Ninguém conseguirá eliminar Stáline da história da grande luta dos povos da URSS e do partido, como talentoso companheiro de Lénine, grande líder aclamado do partido e dos povos soviéticos, comandante do Exército Soviético, teórico e prático revolucionário do movimento comunista e operário internacional. Ao criticarmos os erros de Stáline e não permitir a sua repetição, mantemos no arsenal da nossa Pátria e do partido toda a sua rica experiência e lições da luta pela vitória do socialismo.

Notas soltas sobre a personalidade de Khruchov (*finais dos anos 80*)⁵

Sinto a necessidade de responder a uma pergunta que alguns camaradas me fazem, e outros até me criticam, a propósito de ter sido eu sobretudo quem promoveu Khruchov durante uma série de anos.

Como secretário do CC, dirigi o trabalho de quadros e promovi muitas pessoas capazes, em particular do meio operário. Com Khruchov as coisas passaram-se assim. Em 1925, acabado de ser eleito secretário-geral do CC do Partido Comunista (bolchevique) da Ucrânia, parti de Khárkov para o centro da nossa indústria, o Donbass, primeiro para Iuzovka, onde antes da revolução trabalhei numa organização clandestina. Depois de visitar uma série de minas, fábricas, aldeias e bairros participei na conferência distrital do partido.

Durante a conferência veio ter comigo o camarada Khruchov. Disse-me: *«Você não me conhece, mas eu conheço-o, esteve cá no início de 1917, você era então o camarada Kocherovitch.⁶ Dirija-me a si por um motivo pessoal: é difícil para mim trabalhar aqui. O caso é que em 1923 e 1924 apoiei as intervenções dos trotskistas, mas no final de 1924 compreendi o meu erro, reconheci-o e até me elegeram secretário do comité de bairro. Mas estão sempre a lembrar-me disso, sobretudo o camarada Moissienko, do Comité distrital. Veja, a minha delegação propôs-me para o presidium da conferência, mas fui recusado. Pelos vistos aqui não me deixam trabalhar. Por isso, peça-lhe ajuda, como secretário-geral do CC do PC(b) da Ucrânia, para que me transferiram para outro local.»*

Khruchov deixou-me uma boa impressão. Gostei da forma aberta como reconheceu os seus erros e a avaliação sensata da sua situação. Prometi-lhe que quando chegasse a Khárkov pensaria na sua transferência. Passado pouco tempo, o meu assistente comunica-me que o camarada Khruchov tinha chegado do Donbass e estava a telefonar da estação de comboios, pedindo que o recebesse. Respondi: Então que venha. E recebi-o. Lembro-me de que me agradeceu por tê-lo logo recebido. *«Eu pensava»* – disse ele – *«que teria de esperar longamente»*.

Reparando que estava pálido, perguntei-lhe: *«Possivelmente veio directamente do comboio e terá fome?»* Sorrindo, disse: *«Você vê as coisas, é uma pessoa perspicaz, de facto há muito que não como»*. – *«Então, coma, e depois falaremos»*.

Serviram-lhe chá e sandes que ele comeu com apetite. Perguntei-lhe: *«E se para já lhe déssemos um lugar de instrutor na Secção de Organização do CC? Depois veremos, pode ser que surja uma possibilidade de trabalho local.»* – *«Isso – disse ele – é até demasiado para mim, chego a Khárkov e vou logo para o aparelho do CC, mas uma vez que manifestou essa opinião, eu fico naturalmente muito agradecido pela sua confiança e, evidentemente, aceito.»*

Passado algum tempo vi que era um funcionário capaz e ao saber que o comité distrital de Kíev precisava de gente nova, enviámo-lo para Kíev como instrutor do CC, e lá elegeram-no chefe da Secção de Organização do Comité Distrital. Trabalhou ali até 1929.

⁵ Lazar Kaganóvitch, *Pámiatnie Zapiski* (notas memoriais), ed. Vagrius, Moscovo, 2003, pp. 644-649. (N. Ed.)

⁶ Seguramente um dos nomes usados na clandestinidade por Kaganóvitch. (N. Ed.)

Nessa altura eu já estava novamente no Secretariado do CC do PCU(b) em Moscovo. E eis que, em 1929, fui informado de que o camarada Khruchov tinha chegado de Kíev e pedia para ser recebido. Recebi-o sem demoras. Vinha pedir-me apoio para ingressar na Academia Industrial I.V. Stáline. «*Estudei na Faculdade Operária*» – disse – «*mas não acabei, pois chamaram-me para trabalhar no partido, mas agora queria terminar os estudos na Academia Industrial. Como podem chumbar-me na admissão, peço encarecidamente a sua ajuda para me isentarem de exames, que eu recuperarei.*» A Academia Industrial era frequentada sobretudo por gestores económicos, os quais também eram admitidos em parte com isenção de exames. Depois de me ter aconselhado com os camaradas Kúibichev e Mólotov, telefonei para a Academia e pedi para admitirem o camarada Khruchov.

Em 1930, já tinha sido eleito secretário do Comité de Moscovo do partido, acumulando com as funções de secretário do CC, tive de me ocupar da célula da Academia Industrial – as coisas não corriam bem. Ao participar numa reunião de militantes da célula, assisti a várias intervenções sobre o trabalho insatisfatório do *Bureau* da célula e do seu secretário. O próprio Khruchov interveio. Depois de consultarmos o Comité de Bairro, propusemos o camarada Khruchov para secretário da célula. Neste período, a luta contra o desvio de direita agudizara-se e Khruchov deu boas provas de si na luta contra os direitistas. A conferência do bairro de Baúman elegeu o novo Comité de Bairro e o camarada Khruchov foi eleito seu secretário. Passado algum tempo surgiu a necessidade de um novo secretário para um bairro maior, o de Krasnopresnenski, e nós decidimos propor o camarada Khruchov para secretário deste comité de bairro. Mais tarde, quando precisámos de um segundo secretário do Comité de Moscovo, eu, como primeiro secretário, propus o camarada Khruchov, e depois Khruchov foi eleito primeiro secretário do Comité da Cidade de Moscovo do partido (CCM), que na altura estava integrado na organização do *Oblast* de Moscovo, por isso Khruchov manteve o cargo de secretário do Comité de Moscovo.

Lembro-me de me ter aconselhado com o camarada Stáline sobre este assunto, falei-lhe de Khruchov, que era um bom funcionário, e do seu desvio trotskista em 1923-24. O camarada Stáline perguntou: «*E ele superou esses erros?*» Respondi: «*Não só superou como luta energeticamente contra eles.*» – «*Nesse caso*» – disse Stáline – «*é de propô-lo, tanto mais se é um bom funcionário.*» Lembro-me de que, quando mais tarde almocei em sua casa, Stáline perguntou à sua mulher (ela também estudava na Academia Industrial): «*Nádia, é este o tal Khruchov da Academia Industrial de quem me dizias que era um bom funcionário?*» – «*Sim*» – respondeu ela. – «*Ele é um bom funcionário*». Depois convocaram o camarada Khruchov para uma reunião do Secretariado do CC, onde o camarada Stáline disse: «*Quanto ao seu pecado no passado, deve dizê-lo na conferência antes das eleições, e o camarada Kaganóvitch dirá que o CC sabe disso e tem confiança no camarada Khruchov*». E assim foi feito.

Em Moscovo, Khruchov trabalhou bem e justificou a confiança nele depositada. Mais tarde foi enviado pelo Comité Central para a Ucrânia, onde trabalhou como primeiro secretário do CC do PC(b) da Ucrânia e presidente do Conselho de Comissários do Povo. Deu um grande contributo para o desenvolvimento da Ucrânia, para a industrialização, colectivização e para a luta contra os inimigos, nomeadamente trotskistas, direitistas e nacionalistas. Tal como outros, cometeu

naturalmente erros e faltas. Durante a Guerra Patriótica, Khruchov deu boas provas como membro de conselhos militares das frentes.

Em 1947, o CC do PCU(b) reconheceu a necessidade de separar as funções de secretário do CC e de presidente do Conselho de Ministros da República Soviética Socialistas da Ucrânia. O CC enviou para a Ucrânia o secretário do CC do PCU(b) e membro do *Politburo*, camarada L.M. Kaganóvitch, para desempenhar as funções de primeiro secretário do CC do PC(b) da Ucrânia. Lembro-me de que Khruchov, desgostoso e talvez mesmo ofendido com a decisão do CC do PCU(b), recebeu-me pessoalmente com alegria, dizendo-me: «*Estou muito contente por seres precisamente tu quem enviaram para primeiro secretário.*» Naturalmente prometi-lhe que a minha tarefa era ajudá-lo a ele e ao CC do PC(b) da Ucrânia. E assim foi, trabalhámos em boa harmonia.

Quando regresssei a Moscovo, comuniquei ao camarada Stáline que a situação existente na Ucrânia me tinha agradado embora permanecesse difícil, e pedi que fosse prestada uma ajuda suplementar à república, o que mereceu grande atenção por parte do camarada Stáline que concretizou essa ajuda. A seguir questionou-me sobre Khruchov. Fiz uma avaliação objectiva, notando que, como toda a gente, ele tinha naturalmente defeitos, em particular referi os traços de presunção e sabichão que tinham surgido nele, mas tornara-se um grande quadro dirigente com capacidade para crescer ainda mais.

Convém referir que, nessa altura, Stáline procurava intensivamente pessoas capazes e descobria-as. Por exemplo, descobriu e valorizou Pervúkhine, Kossíguine e Malenkov. Reparou em Malenkov quando o levámos para o Comité de Moscovo, onde foi responsável de organização, e nomeou-o, primeiro, adjunto e depois responsável pela Secção de Organização e Instrução do CC. Da mesma forma, Stáline dirigiu a sua atenção para Khruchov.

Pouco depois, o CC transferiu Khruchov da Ucrânia para Moscovo para as funções de secretário do Comité de Moscovo e mais tarde secretário do CC.

Além disso, precisamente no início dos anos 50, Stáline começou a aproximar-se de Khruchov. Em 1951-52, e até à morte de Stáline, Khruchov, Malenkov e Béria tornaram-se convidados frequentes de Stáline na *datcha* Blijnáia.

Também me perguntam hoje se não lamento ter introduzido Khruchov? Respondo: Não, não lamento, vi-o crescer desde 1925 e tornar-se num grande dirigente à escala de um *krai* ou de um *oblast*. Ele foi útil ao nosso Estado e ao nosso partido, a par de erros e insuficiências, dos quais ninguém está livre. No entanto, a «torre» de primeiro secretário do CC do PCUS revelou-se ser demasiado alta para ele. (Aqui, a iniciativa da sua apresentação não partiu de mim, apesar de ter votado a favor). Há pessoas que ficam com a cabeça à roda quando sobem muito alto. Khruchov revelou-se ser uma dessas pessoas. Vendo-se na torre mais alta, ficou com a cabeça à roda, e desatou a fazer das suas, o que foi perigoso tanto para ele como sobretudo para o Estado e para o partido, tanto mais que lhe faltavam claramente a firmeza e uma base teórica e cultural. A modéstia e o autodidactismo, que lhe eram inicialmente característicos, passaram para segundo plano, e o subjectivismo, a presunção de tudo saber, a «eureka», dominaram o seu comportamento, e isto não podia acabar bem. Isto e muitas outras coisas levaram à queda de Khruchov da torre mais alta.

Escrevi estas linhas sobre Khruchov antes de conhecer a edição das «memórias» de Khruchov. O livro publicado na América apareceu em Moscovo, mas não o li porque não consegui arranjá-lo.

Quando perguntei ao camarada Mólotov se tinha lido essas memórias, disse-me que sim. Indagando-o sobre como as avaliava, respondeu-me: *«É um documento antipartido»*. Então questionei-o: *«Mas será possível que Khruchov tenha descido tão baixo?»*. Mólotov respondeu: *«Sim, sim, o seu enfurecimento pela forma como acabou a sua carreira de dirigente de Estado fê-lo cair, política e partidariamente, num torvelinho»*. Manifestando pena e indignação, comentei: *«Sim, isso é muito triste»*, ao que Mólotov retorquiu: *«Sobretudo para ti, a verdade é que foste tu que o promoveste»*. *«Sim»* – disse eu – *«promovi-o, é verdade, mas só até certo ponto. Não o propus para o posto de primeiro secretário do CC, prevendo que ele não daria conta do recado, que fracassaria. Todos vós, nomeadamente tu, Viatcheslav, aprovastes esta proposta de Malenkov e de Bulgánine»*.

Depois de ler as chamadas memórias de Khruchov, publicadas na revista *Ogoniok*, convenci-me de que a avaliação de Mólotov é justa. Nem sequer vale a pena responder a Khruchov para não descer ao nível da vendedora de mercado que grita para a vizinha: *«Porca és tu»*. Tive por ele ternos sentimentos de amizade, mas é claro que me enganei. Conclui-se que Khruchov não é um simples camaleão, mas um «reincidente» do trotskismo.

Sobre a resolução do CC do PCUS

«Sobre o Culto da personalidade e as suas consequências» (*finais dos anos 80*)⁷

É consensual que as decisões do XX Congresso tiveram um caloroso apoio do partido, do povo soviético, bem como dos partidos comunistas e operários irmãos.⁸ O CC, acima de tudo, desferiu um golpe ideológico contra os inimigos do partido, sublinhando, na sua resolução, que os inimigos do comunismo e do socialismo concentram o fogo nas insuficiências que foram referidas pelo Comité Central do nosso partido no XX Congresso. Procurando enfraquecer a grande força patriótica das decisões do XX Congresso do PCUS, os ideólogos do capitalismo recorrem a todo o tipo de subterfúgios e ardis para desviar a atenção dos trabalhadores das ideias vanguardistas e inspiradoras que são apresentadas pelo mundo socialista ante a humanidade.

Nos últimos tempos, afirma o CC, a imprensa burguesa lançou uma ampla campanha caluniadora anti-soviética, como pretexto para a qual os círculos reaccionários tentam utilizar alguns factos relacionados com a condenação pelo Partido Comunista da União Soviética do culto da personalidade de I.V. Stáline. Alimentando uma campanha caluniadora, os ideólogos da burguesia procuram de novo, sem êxito, lançar uma sombra sobre as grandes ideias do marxismo-leninismo, minar a confiança dos trabalhadores no primeiro país socialista do mundo – a URSS, e provocar confusão nas fileiras do movimento comunista e operário internacional. Indicando que a experiência histórica nos ensina que os inimigos de classe do proletariado procuram sempre utilizar os factos e momentos que lhes são vantajosos para quebrar a unidade internacionalista e dividir o movimento operário internacional, o CC constatou que também os partidos comunistas e operários irmãos discerniram a tempo esta manobra dos inimigos do socialismo e dão-lhes a merecida resposta.

Entretanto, sublinha o CC, seria errado fechar os olhos ao facto de que alguns dos nossos amigos estrangeiros não entenderam inteiramente a questão do culto da personalidade e as suas consequências, e por vezes fazem uma interpretação incorrecta de algumas teses ligadas ao culto da personalidade. Deve-se dizer que tais interpretações incorrectas foram feitas por um grande número de membros do nosso partido, incluindo uma parte de membros do CC.

Na sua resolução, o CC explica circunstanciadamente a questão do culto da personalidade, com base nos princípios do marxismo-leninismo relativos ao papel das massas populares, do partido e de certas personalidades na história, sobre a inadmissibilidade do culto da personalidade da direcção política por muito grandes que sejam os seus méritos.

⁷ Lazar Kaganóvitch, *Pámiatnie Zapiski* (notas memoriais), ed. Vagrius, Moscovo, 2003, pp. 649-665. (*N. Ed.*)

⁸ É de crer que autor se refere às decisões de carácter político, social e económico tomadas no XX Congresso, e não propriamente à crítica de Stáline, a qual não figurou oficialmente nem na ordem de trabalhos nem nos documentos aprovados, à excepção de uma telegráfica resolução já aqui referida (Ver nota 6 de «Os últimos anos na direcção do partido») (*N. Ed.*)

O nosso partido demonstrou grande força e solidez, como nenhum dos partidos governantes dos países capitalistas possui, quando, no XX Congresso, por iniciativa do Comité Central, considerou necessário falar, aberta e corajosamente, das pesadas consequências do culto da personalidade, dos erros sérios que foram cometidos no último período da vida de Stáline, e apelar a todo o partido, num esforço conjunto, para pôr termo a tudo aquilo que o culto da personalidade trouxe consigo.

Grande importância tem a parte da resolução do CC em que se afirma: *«O partido partiu do pressuposto de que mesmo que a intervenção contra o culto da personalidade crie algumas dificuldades temporárias, a prazo, do ponto de vista dos interesses radicais e fins últimos da classe operária, tal iniciativa proporcionará um enorme resultado positivo. Ao mesmo tempo estabelecem-se sólidas garantias de que nunca mais no futuro poderão surgir fenómenos semelhantes ao culto da personalidade no nosso partido e no país, de que, no futuro, a direcção do partido e do país será feita colegialmente, na base da aplicação da política marxista-leninista, nas condições de uma ampla democracia interna no partido, com a participação criativa de milhões de trabalhadores, num contexto de desenvolvimento, por todos os meios, da democracia soviética.»* Adicionalmente ao que foi dito no XX Congresso, na resolução do CC sublinha-se os méritos de Stáline na luta do partido e nos êxitos alcançados na construção do socialismo, nessa proeza histórica universal que foi realizada pelo povo soviético. *«Durante os primeiros quinquênios, o país economicamente atrasado deu um salto gigantesco no seu desenvolvimento económico e cultural, em resultado dos esforços intensos e heróicos do povo e do partido. Com base nos êxitos da construção do socialismo foi elevado o nível de vida dos trabalhadores e extinto para sempre o desemprego. No país teve lugar uma profundíssima revolução cultural. Permanecendo durante um longo período no posto de secretário-geral do CC do partido, I.V. Stáline, juntamente com outros dirigentes, lutou energeticamente pela materialização do legado de Lénine. Dedicado ao marxismo-leninismo, como teórico e grande organizador liderou a luta do partido contra os trotskistas, oportunistas de direita, nacionalistas burgueses, contra as manobras do cerco capitalista. Nesta luta política e ideológica, Stáline granjeou uma grande autoridade e popularidade. No entanto, não é correcto ligar todas as nossas grandes vitórias ao nome de Stáline. Os êxitos alcançados pelo partido comunista e pelo País dos Sovietes e os elogios feitos a Stáline fizeram-lhe perder a cabeça.⁹ Neste contexto começou gradualmente a formar-se o culto da personalidade de Stáline.»*

Particularmente importante na resolução do CC de 30 de Junho é o facto de o CC analisar a obra de Stáline em estreita ligação com as condições históricas, nas quais decorreu a luta revolucionária contra os inimigos e a construção do socialismo na URSS, algo que todos deveriam conhecer e ter sempre em conta, em especial a nossa juventude. O País dos Sovietes – indica o CC na sua resolução – foi o país que

⁹ Nesta resolução do CC de Junho de 1956, que veio repor uma certa parte da verdade histórica espezinhada no «relatório secreto» de Khruchov, permanecem afirmações gratuitas, totalmente infundadas e inadmissíveis, como esta de que, alegadamente, os elogios terão feito Stáline «perder a cabeça». (N. Ed.)

sozinho abriu à humanidade o caminho para o socialismo. Como uma fortaleza sitiada, manteve-se sob o cerco capitalista.

Os inimigos do País dos Sovietes no Ocidente e no Oriente, depois da fracassada intervenção de 14 Estados, em 1918-20, continuaram a preparar as suas «cruzadas» contra a URSS. Os inimigos enviaram espiões e diversionistas em grande quantidade para a URSS, procurando por todos os meios minar o primeiro estado socialista no mundo. A ameaça de uma nova agressão contra a URSS acentuou-se especialmente depois da ascensão do fascismo ao poder na Alemanha em 1933, que proclamou como objectivo a eliminação do comunismo e da União Soviética – primeiro Estado dos trabalhadores no mundo.

Todos se recordam da formação do chamado «pacto anti-Komintern», do «eixo Berlim-Roma-Tóquio», apoiados activamente por toda a reacção mundial. Numa situação de perigo iminente de uma nova guerra, e de recusa por parte das potências ocidentais das medidas várias vezes propostas pela União Soviética para refrear o fascismo e organizar a segurança colectiva, o País dos Sovietes foi forçado a dirigir todas as suas forças para consolidar a defesa e contrariar as manobras do cerco capitalista.

O partido teve de educar o povo no espírito da vigilância permanente e do estado de prontidão ante os inimigos externos.

As manobras da reacção internacional eram tanto mais perigosas quanto, no interior do país, há muito que decorria uma luta de classes encarniçada, na qual se decidia «*quem vence quem?*». Depois da morte de Lénine, activaram-se as correntes hostis – trotskistas, oportunistas de direita, nacionalistas burgueses – que defendiam posições de negação da teoria leninista sobre a possibilidade da vitória do socialismo num só país, o que na prática conduzia à restauração do capitalismo na URSS. O partido comunista desenvolveu uma luta implacável contra estes inimigos do leninismo. Cumprindo o legado de Lénine, o partido comunista aprovou a linha da industrialização socialista, da colectivização da agricultura e da realização da revolução cultural. O CC sublinha que no caminho para a resolução das enormes e difíceis tarefas da construção da sociedade socialista num só país, nas condições do cerco capitalista, a nossa Pátria Soviética e o seu partido comunista tiveram de superar dificuldades imensas e extraordinárias. Sem ajuda exterior, num curtíssimo prazo de dez anos, tínhamos de eliminar o atraso secular e reconstruir a economia nacional nas novas bases socialistas. Esta situação complexa internacional e interna exigia uma disciplina de ferro, o reforço incessante da vigilância, uma estrita centralização da direcção, o que não podia deixar de se reflectir negativamente no desenvolvimento de algumas formas de democracia. Durante a luta encarniçada com todo o mundo imperialista, o nosso país teve de recorrer a certas limitações da democracia, justificadas pela lógica da luta do nosso povo pelo socialismo nas condições do cerco capitalista. Na sua resolução, o CC explica que o partido e o povo consideravam já na altura estas limitações como temporárias, que seriam eliminadas à medida que o Estado soviético se consolidasse, crescessem e se desenvolvessem as forças da democracia e do socialismo em todo o mundo. «*O povo aceitou conscientemente estes sacrifícios temporários, vendo a cada dia os novos êxitos do regime social soviético.*» O CC sublinha que o povo soviético superou todas as dificuldades na via da construção do socialismo, sob a direcção do seu partido comunista, que seguiu perseverante, consequente e firmemente a linha geral leninista. «*Os soviéticos*» – refere o CC –

«conheciam Stáline como um homem que intervinha sempre em defesa da URSS, contra as manobras dos inimigos e que se batia pela causa do socialismo. Nesta luta, utilizava por vezes métodos impróprios, violava os princípios e as normas da vida do partido. Foi esta a tragédia de Stáline. Mas tudo isto, por outro lado, dificultava a luta contra as arbitrariedades cometidas, uma vez que os êxitos da construção do socialismo, o fortalecimento da URSS, nas condições do culto da personalidade, eram atribuídos a Stáline».

À questão porque é que o núcleo leninista de dirigentes existente no CC não interveio abertamente contra Stáline, o CC responde: *«Qualquer intervenção contra ele nestas condições não seria compreendida pelo povo, a questão aqui nada tem a ver com a falta de coragem pessoal. É claro que alguém que, nestas condições, se manifestasse contra Stáline não teria apoio no povo. Além disso, uma intervenção semelhante seria considerada na altura como contrária à causa do socialismo, como um acto extremamente perigoso de quebra da unidade do partido e de todo o Estado nas condições do cerco capitalista. Acresce que os êxitos alcançados pelos trabalhadores da União Soviética, sob a direcção do seu partido comunista, infundiam um legítimo orgulho no coração de cada soviético e criavam uma atmosfera, na qual, tendo enormes êxitos como pano de fundo, erros isolados e insuficiências pareciam menos importantes, ao mesmo tempo que as consequências negativas destes erros eram rapidamente compensadas pelas forças vitais do partido e da sociedade soviética que registavam um crescimento colossal.»*

Os erros e arbitrariedades tiveram efectivamente lugar. Mas Stáline não foi o único culpado. Uma determinada parte da culpa recaí sobre cada um de nós, membros do *Politburo/Presidium* do CC, nomeadamente sobre Khruchov. Em vez de o reconhecer, Khruchov condimentou, exagerou, efabulou «literariamente» e acrescentou o seu ponto, especulou sobre os erros e casos de arbitrariedades, proporcionando assim, voluntária ou involuntariamente, aos inimigos a possibilidade não só de difamar Stáline, que prestou grandes serviços ao povo soviético e ao proletariado mundial, mas também ao nosso partido e a todo o sistema soviético de ditadura do proletariado.

Podem perguntar: *«Mas porque é que não colocou esta questão no XX Congresso?»*. Ao que já foi dito atrás podemos acrescentar um aspecto essencial: Nós, o núcleo fundamental, bolchevique e leninista do *Presidium* do CC, estávamos preocupados com o objectivo principal de conservar a unidade do partido e do CC. Isto determinou também a nossa prudência, diria mesmo, a nossa excessiva moleza, inclusivamente na crítica a certas teses do relatório do CC, às quais não foi dada formulação mais correcta, em particular no capítulo 6. Isto determinou também a circunstância de não termos intervindo no Congresso sobre o inesperado relatório suplementar «Sobre o Culto da Personalidade e as suas Consequências». Receámos que isso pudesse conduzir à quebra da unidade do partido e do CC. Pode-se, evidentemente, criticar este procedimento, mas ele foi ditado pela nossa preocupação principal – conservar a unidade do partido e do CC. Reflectiu-se aqui ainda o facto de, durante uma série de anos, termos sido combatentes leninistas contra o fraccionismo oposicionista e, por exemplo, à excepção das comunicações oficiais, enquanto membros do colectivo dirigente, o *Politburo*, não mantínhamos conversas privadas, em separado, sobre assuntos do *Politburo*, nomeadamente sobre a questão do relatório de Khruchov. Mesmo no XX Congresso, tal como nos

anos seguintes, fomos fiéis à resolução do X Congresso sobre a unidade do partido e a inadmissibilidade do fraccionismo. Khruchov aproveitou-se deste nosso antifraccionismo para, ao mesmo tempo, criar efectivamente o seu grupo fraccionário, que era um centro organizado nas costas do *Presidium* oficial do CC. Isto, por exemplo, fez com que, depois do XX Congresso, sem discussão colectiva no *Presidium* do CC ou sequer mesmo ter sido dado conhecimento a todos os seus membros, tenham sido levadas a cabo as iniciativas «heróicas» de «derrubamento» do falecido Stáline, e de destruição de todas as esculturas e monumentos a Stáline (entre os quais havia obras artísticas de grande valor). As ordens eram dadas sem o conhecimento de uma série de membros do *Presidium* (designadamente de mim). Isto refere-se igualmente à retirada dos livros de Stáline das bibliotecas e à destruição da sua maioria, incluindo obras clássicas fundamentais como *Princípios do Leninismo*, e outras.

Por fim, a transladação «nocturna» do túmulo de Stáline do Mausoléu foi também feita sem discussão e mesmo sem o conhecimento da maioria dos membros do *Presidium* do CC.

Elementos hostis e dissidentes podem até elogiar Khruchov por esta «habilidade», mas isto não foi a habilidade dele em contraposição com a nossa «inépcia», mas a recaída de Khruchov no trotskismo, do qual foi partidário nos anos 20.

Se antes não evocávamos sem necessidade os pecados trotskistas do passado de Khruchov, e Stáline tinha-los perdoado, hoje pode-se dizer com segurança que no descomedimento e nos métodos de luta contra o falecido Stáline revelaram-se e manifestaram-se os resquícios dos seus pecados trotskistas passados e do seu carácter vingativo trotskista.

A superação do chamado culto da personalidade, dos erros ocorridos e das suas consequências, é necessária nos interesses do partido e do país, mas não exigia o alarido sensacionalista, vulgar, pequeno-burguês, feito por Khruchov no seu relatório «especial», num esforço para vincar o seu papel herostrático.¹⁰ Isto poderia ter sido feito no quadro do espírito leninista de partido, dentro das normas leninistas de funcionamento do partido, sem o sensacionalismo vulgar, sem causar danos ao partido e ao Estado.

Sem exagerar a perfeição da resolução do CC sobre o culto da personalidade, pode-se dizer com rigor que desempenhou um papel importante para a compreensão mais profunda e mais correcta dos membros do partido, da classe operária e dos trabalhadores, da essência da questão do culto da personalidade, do dano que causou, segundo uma interpretação correcta marxista-leninista revolucionária e de classe.

Isto, naturalmente, teve reflexos positivos também nos partidos comunistas irmãos de outros países. E ainda hoje é particularmente importante porque, como justamente se afirma na resolução do CC, «*nos últimos tempos foi lançada uma ampla campanha caluniadora anti-soviética, para a qual os círculos reaccionários tentam utilizar como pretexto alguns factos relacionados com a*

¹⁰ Neologismo do autor, que alude ao incendiário grego Heróstrato, responsável pela destruição do Templo de Diana em Éfeso, considerado uma das Sete Maravilhas da Antiguidade. (N. Ed.)

condenação pelo Partido Comunista da União Soviética do culto da personalidade de I.V. Stáline».

Também actualmente, nos anos 70-80, os anti-soviéticos, anticomunistas, agentes do imperialismo continuam a utilizar a questão do «culto da personalidade de I.V. Stáline» para abalar o prestígio e o poderio dos países socialistas em proveito do imperialismo e dos incendiários da guerra. Os inimigos concentram o seu «fogo» na crítica ao fundamento dos fundamentos: a justa luta pela vitória do socialismo, no sistema de poder político do proletariado.

Os apologistas da ditadura burguesa, que criticam o culto da personalidade de Stáline, apresentam-se a si próprios como «humanistas» ao mesmo tempo que apoiam o arbítrio selvagem dos burgueses exploradores dos operários e a repressão sangrenta dos povos. A crítica dos nossos erros é por eles utilizada como pretexto para subverter o socialismo e a luta revolucionária do proletariado pelo socialismo, para subverter a própria Revolução Socialista de Outubro e o Poder Soviético.

Os revolucionários proletários devem ter sempre presente que foram precisamente os imperialistas e os seus agentes nas intervenções, conspirações, diversões, que obrigaram o Poder Soviético e o partido bolchevique a adoptar as necessárias medidas extremas de luta – luta na qual houve erros e deformações. Não se pode ajuizar correctamente estes erros sem o conhecimento, compreensão, avaliação e percepção dos factos históricos dessa luta desesperada, extraordinariamente dura, que foi travada sob a direcção do partido e do seu Comité Central por massas de muitos milhões de operários, camponeses e trabalhadores da Rússia contra os imperialistas nacionais e estrangeiros, intervencionistas, guardas brancos, sabotadores, conspiradores, espões e diversionistas, em cujo auxílio se envolveram não só os mencheviques e socialistas-revolucionários, mas também os renegados ensandecidos trotskistas e «direitistas» no interior das fileiras do nosso partido. Não se pode desculpar os trotskistas e desviacionistas de direita pelo facto de serem membros do partido. Com efeito, também os mencheviques eram membros do POSDR antes da cisão, e passados 10-12 anos tornaram-se contra-revolucionários.

Esta foi uma luta que salvou a revolução, o socialismo e o Estado soviético. Nessa luta contra verdadeiros inimigos foram cometidos excessos, erros e abusos de poder, que o partido condenou e tomou medidas para a sua prevenção no futuro.

Ao fazer-se o balanço da vida e obra de Stáline, enquanto combatente contra o tsarismo, contra o capitalismo e os seus agentes, pelo marxismo-leninismo, pelo socialismo e pelo comunismo, pela vitória da Revolução de Outubro, do Estado soviético, pela construção do socialismo na URSS e pela derrota dos ocupantes fascistas na Guerra Patriótica, é preciso antes de mais não reproduzir as invencionices caluniadoras dos imperialistas, mas, numa óptica revolucionária, científica, de partido e leninista, respeitar as proporções na avaliação do positivo e do negativo, repudiar o alarido pequeno-burguês, o sensacionalismo, o descomedimento e a sobreposição dos erros e defeitos a tudo o que de historicamente grandioso foi feito por Stáline em prol do partido, do povo e do país.